

Parlamentares e ministros se mobilizam contra choque

BRASÍLIA — Numa espécie de “operação anti-choque”, os líderes do Governo no Congresso, Roberto Freire e Pedro Simon, e ministros dos partidos de centro-esquerda, como Fernando Henrique Cardoso, Antônio Britto, Walter Barelli, Luiza Erundina, alertaram o presidente Itamar Franco sobre o temor de que seja aplicado um choque na economia, que não teria nenhuma receptividade no Congresso.

— Só de ouvir falar em choque alguns ministros de Itamar ficam completamente arrepiados — afirmou ontem um ministro.

Os articuladores da “operação anti-choque” estão convencidos de que “não será pelo choque que chegaremos a algum lugar”. De acordo com as avaliações desse grupo “não existem as pré-condições necessárias pa-

ra se dar um choque na economia. Só se dá um choque com a certeza do sucesso ou o respaldo de todos os setores da sociedade. Funaro tinha esta certeza quando baixou o Plano Cruzado. Collor tinha acabado de ser eleito, estava portanto respaldado por todos, quando editou o seu pacote. Agora não temos nada disso”, disse um deles.

— Hoje falta até mesmo clima para a medida, afirmou outro ministro, acrescentando que, apesar da preocupação, não existe uma articulação contra Eliseu Resende em função de um hipotético pacote.

Apesar dos temores, a hipótese do choque foi afastada ontem, pelo próprio presidente Itamar Franco, em audiência no Palácio do Planalto.

— O presidente Itamar garantiu que não tem choque, não tem pacote, nada disso. Pode haver ajustes, cor-

reções e, principalmente, uma mudança de estilo, com um ministro mais afinado com o presidente — explicou Roberto Freire.

O líder do Governo argumentou que a queda de Paulo Haddad “não foi uma crise de alternativas, mas um confronto entre o presidente e um ministro”.

O líder do Governo admitiu que havia um confronto aberto também entre Haddad e o ministro da Justiça, Maurício Corrêa, que chegou a interpelar o colega em reuniões ministeriais sobre questões da economia. Freire deixou claro, porém, que a maioria do Governo concordava com a política de Haddad, justificando-se assim a preocupação inicial.

— O Maurício não concordava com o Haddad. Eu concordava, e acho que o Governo todo também.